

Versos de BENEDITO OTÁVIO de Oliveira, em 1911:

A BANDEIRA DO 7.º



Francisco de Paula Nogueira, alferes porta-bandeira
do 7.º de Voluntarios da Patria

Rasgada pela metralha,
Suja ao fogo da batalha,
Nos campos do Paraguay,
Hoje tenho á minha vista
O bravo pendão Paulista
Que a brisa beijando vae.

Pavilhão de veteranos,
Guardado por muitos annos,
Adoruava a cathedral,
Mas a igreja se renova
E lho vão dar séde nova,
Nua oração triumphal.

E' que seus pannos rasgados
Em rudes prelios ousados
Rebrilharão, na occasião
Em que além, transposto o Prata,
Iniciou-se, em luta ingrata,
No ataque a Redempção.

Depois, quando do fulvo raio
A vinte e quatro de Maio
Refulgia em Tuyuti,
Batalha avistou cruenta
O pendão que alli se ostenta,
A bandeira que hoje vi.

E em mais combates cruciantes,
Mostrava as cores ondeantes
Aos favonios da amplidão,
A guiar sobre os contrarios
Os Paulistas voluntarios
Do setimo batalhão!

E assim foi, de serra em serra,
Da valle em valle, na guerra,
Tarde, á noite, de manhã,
Até findar-se a campanha
Na derradeira façanha
As margens do Aquidaban.

Mais tarde, o labaro santo,
Para a terra patria, em pranto,
Foi trazido por herões,
Escapos do horror, do fogo,
Que a Morte além poz em jogo
Tantos lustros, tantos sóes!

Bandeira amada! A esses brilhos
Se curvem, pois, os teus, filhos,
Tendo amor e gratidão.
Que ás lutas não mais assistas,
Mas, se gloria dos Paulistas,
O desbotado pendão!

1911.

B. O.